

# O PLANO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO LUÍS/MA

*Data de submissão: 13/04/2024*

*Data de aceite: 02/05/2024*

### **Geiziane Kely Costa Santos**

Universidade Federal do Maranhão/UFMA  
São Luís/MA  
<http://lattes.cnpq.br/4513064105058516>

### **Claudia Mendes Ribeiro Moura**

Universidade Federal do Maranhão/UFMA  
São Luís/MA  
<http://lattes.cnpq.br/6278809620078595>

### **Kaciana Nascimento da Silveira Rosa**

Universidade Federal do Maranhão/UFMA  
São Luís/MA  
<http://lattes.cnpq.br/1938411783822467>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo investigar as implicações do Plano do Atendimento Educacional Especializado nas Salas de Recursos Multifuncionais de Escolas Públicas de São Luís/MA. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, que fez, inicialmente, o levantamento de produções bibliográficas sobre a temática, no intuito de conhecer como o planejamento de ações pedagógicas vem sendo discutido nos últimos anos. A pesquisa bibliográfica contemplou a busca de artigos, livros, teses e dissertações para compreender o conceito de planejamento e sua importância para a

prática do professor. Também foi realizada uma pesquisa de campo com professores que ensinam em salas de recursos multifuncionais no município de São Luís/MA para entender de que forma o Plano do Atendimento Educacional Especializado é pensado, planejado e aplicado nos atendimentos educacionais realizados nas salas de recursos multifuncionais. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e questionários; e analisados à luz dos trabalhos de autores como Valadão (2010); Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014); dentre outros. Como resultado das análises dos questionários foi possível perceber o quanto o Plano do Atendimento Educacional Especializado é fundamental para realização de toda e qualquer atividade nas salas de recursos, contribuindo para a aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação especial; plano educacional individualizado; sala de recursos.

# THE SPECIALIZED EDUCATIONAL PLAN AND ITS IMPLICATIONS FOR MULTIFUNCTIONAL RESOURCE ROOMS IN PUBLIC SCHOOLS IN SÃO LUÍS/MA

**ABSTRACT:** This study aims to investigate the implications of the Specialized Educational Plan in the Multifunctional Resource Classrooms of Public Schools in São Luís/MA. This is a qualitative and exploratory study, which initially surveyed bibliographical productions on the subject, in order to find out how the planning of pedagogical actions developed in multifunctional resource classrooms has been discussed in recent years. The bibliographic research included a search for articles, books, theses and dissertations in order to understand the concept of planning and its importance for teacher practice. Field research was also carried out with teachers who teach in multifunctional resource classrooms in the municipality of São Luís/MA to understand how the specialized educational plan is thought out, planned and applied in the educational care provided in multifunctional resource classrooms. The data was collected through interviews and questionnaires; and analyzed in the light of the work of authors such as Valadão (2010); Mendes, Vilaronga and Zerbato (2014); among others. As a result of the analysis of the questionnaires, it was possible to see how fundamental the specialized educational plan is for carrying out any and all activities in the resource classrooms, contributing to the learning of students who are the target of special education.

**KEYWORDS:** special education; specialized educational plan; resource classroom.

## INTRODUÇÃO

O Plano do Atendimento Educacional Especializado, conhecido também pela sigla PAEE, é um documento fundamental elaborado pelo professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), com base em uma avaliação minuciosa, para atender às necessidades educacionais específicas de cada estudante público-alvo da educação especial. Essa avaliação tem como objetivo identificar as necessidades, conhecimentos prévios, potencialidades e habilidades dos estudantes com deficiências, transtornos do espectro autista e altas habilidades ou superdotação.

Diante disso, este trabalho aborda o planejamento das atividades pedagógicas no âmbito do AEE, entendendo a necessidade de um ensino que contribua para o desenvolvimento acadêmico e a inclusão escolar, uma vez que, priorizamos um planejamento que favoreça esse alunado.

Cabe ressaltar que esse instrumento também pode ser conhecido como Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), Plano de Atendimento Individualizado (PAI), dentre outros; no entanto, neste estudo, optou-se pelo uso do termo Plano do Atendimento Educacional Especializado.

Gleckel e Koretz (2008) afirmam que o plano desenvolvido para estudantes público-alvo da educação especial, enquanto recurso facilitador de acesso ao currículo regular, deve responder a quatro questões básicas: o que ensinar, como ensinar, em que condições ensinar e por que ensinar.

Corroborando com os autores, pode-se considerar o PAEE como uma proposta de organização curricular que norteia a prática pedagógica do professor do AEE, levando-se em consideração as necessidades do aluno e desenvolvendo a capacidade máxima ainda não alcançada. O registro ou mapeamento do que o sujeito já alcançou e o que ainda necessita alcançar é fundamental para que se possa pensar o que vai ser feito para que ele atinja os objetivos traçados. No Brasil, esse instrumento vem sendo mencionado, a partir do início dos anos 2000, nos documentos oficiais:

Na realidade, alunos com necessidades educacionais especiais devem ter um Plano Individualizado de Ensino, quando se fizer necessário, podendo ser elaborado com apoio do ensino especial no início de sua vida escolar, e por ela, atualizado continuamente, em função de seu desenvolvimento e aprendizagem. Esse Plano é o ponto fundamental de sua vida escolar, norteador das ações de ensino do professor e das atividades escolares do aluno. (Brasil, 2000, p.24).

Em 2009, a Resolução N.4, que “Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial”, aborda a necessidade de os sistemas assegurarem o Plano de Atendimento Educacional Especializado, sendo essa responsabilidade atribuída ao professor do Atendimento Educacional Especializado/AEE, qual seja: “Elaborar e executar o plano de atendimento educacional especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade”. (Brasil, 2009, p.3)

Para Valadão (2010, p.58) esse plano “deve ser desenvolvido por um processo colaborativo, que envolve a participação da escola, dos pais, dos estudantes (quando este tiver habilidades para esta função) e de outras pessoas relevantes ou de agências educacionais”.

Entende-se o PAEE como um importante instrumento para o processo de ensino no AEE, assim, este estudo foi desenvolvido a partir da seguinte problematização: Quais as implicações do Plano do Atendimento Educacional Especializado, nas Salas de Recursos Multifuncionais de Escolas Públicas de São Luís/MA, para o processo de aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial?

Diante disso, este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar as implicações do Plano do Atendimento Educacional Especializado (PAEE), nas Salas de Recursos Multifuncionais de Escolas Públicas de São Luís/MA, para o processo de aprendizagem de estudantes público-alvo da educação especial.

Acredita-se que este estudo contribuirá para a área da Educação Especial, especificamente sobre o PAEE, visto que os estudos publicados com essa temática, na região Nordeste (região onde a pesquisa foi realizada), ainda é muito pequena.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa (Minayo, 2001), pois busca compreender de maneira subjetiva como o Plano do Atendimento Educacional Especializado utilizado nas Salas de Recursos Multifuncionais contribui para a aprendizagem dos estudantes. Também foi realizado uma pesquisa bibliográfica, por meio de livros, artigos científicos, dissertações e teses para a composição da fundamentação teórica.

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório descritivo (Gil, 1999), pois analisamos e interpretamos os fatos sem interferir na realidade, levando em consideração aspectos subjetivos no campo de pesquisa.

Utilizou-se de entrevista na modalidade presencial e semiestruturada por ser flexível e aberta às respostas livres, e por nos permitir a observação de outras questões no decorrer da entrevista, o que acaba gerando um rico material possível de análise.

Os critérios de escolha das escolas foram: ser uma unidade de ensino da educação básica da rede pública de São Luís/MA; e ofertar o Atendimento Educacional Especializado. Tais critérios estão relacionados aos utilizados para a escolha dos participantes da pesquisa, a saber: ser professor(a) da rede pública de ensino de São Luís/MA; e atuar na sala de recursos multifuncionais.

Diante disso, foram selecionadas para este estudo três professoras. Todas as professoras possuem formação inicial em Pedagogia e Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial, o que as habilitam para o trabalho com estudantes público-alvo da educação especial em salas de recursos multifuncionais. Além disso, ambas atuam na rede pública de ensino de São Luís/MA – uma da rede municipal e duas da rede estadual de ensino – e que serão identificadas neste trabalho como P1, P2 e P3.

O público-alvo do Atendimento Educacional Especializado das escolas públicas investigada são estudantes com deficiência intelectual e com transtorno do espectro autista, entre 8 e 15 anos.

As professoras assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que as entrevistas pudessem ser gravadas e suas identidades preservadas, bem como a publicação das respostas colhidas.

O planejamento e a elaboração do roteiro de entrevista, teve por finalidade obter informações acerca do processo de desenvolvimento e aplicação de recursos pedagógicos utilizados no AEE. Para tornar tal roteiro exequível ao tema, ele foi constituído por nove perguntas.

Após a realização da entrevista e aplicação do questionário, foi realizada a interpretação e compilação dos dados obtidos através da análise dos conteúdos. Também foram definidas as seguintes categorias analíticas: organização do Atendimento Educacional Especializado; concepção de Plano do Atendimento Educacional Especializado; conteúdos e metodologias de ensino; avaliação da aprendizagem; e desafios para a elaboração e

execução do PAEE. Tais categorias serão apresentadas e discutidas, a seguir, à luz dos trabalhos encontrados por ocasião da pesquisa bibliográfica e de autores como Valadão (2010); Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014), entre outros.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos e suas análises.

As professoras possuem formação inicial em Pedagogia e Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Especial, o que as habilitam para o trabalho com estudantes público-alvo da educação especial em salas de recursos multifuncionais. Posto isso, apresentaremos a seguir os resultados obtidos.

A partir da análise das entrevistas com as professoras, buscou-se compreender sobre as implicações do Plano do Atendimento Educacional Especializado nas salas de recursos multifuncionais, bem como a concepção de planejamento educacional individualizado das entrevistadas.

Diante disso, questionamos “como são organizados os atendimentos na Sala de Recurso Multifuncional?”

Os atendimentos são realizados de forma individual ou em dupla, de acordo com as especificidades (potencialidades e dificuldades) de cada estudante. Cada estudante é atendido 2 vezes por semana, com no mínimo 1 hora de duração e máximo de 2 horas. (P1)

Por atendimentos individualizados e em grupo, geralmente duas vezes por semana com duração de uma hora e meia à duas horas. (P2)

Os atendimentos são organizados em pequenos grupos, e individualmente. São organizados também por horários e dias da semana. Têm alunos que têm só um atendimento na semana, e a maioria em decorrência de outros atendimentos terapêuticos que os mesmos têm e a disponibilidade que os pais não têm a família de levá-los para atendimentos. (P3)

Observa-se nas respostas das três professoras que os atendimentos são organizados de forma individual ou em grupo. Quanto a essa afirmativa trazemos a concepção do plano individualizado que permite a individualização do ensino e de acordo com Perrenoud (1995), significa:

(...) organizar as interações e atividades de modo que cada aluno se defronte constantemente com situações didáticas que lhe sejam mais fecundas. Implica, pois, o desenvolvimento de caminhos diversos para que os alunos consigam atingir as metas escolares, por meio de um acompanhamento e percursos individualizados. (Perrenoud, 1995, p. 28- 29).

Percebe-se, portanto, a importância de planejar respeitando as singularidades dos alunos. Essa afirmativa encaminha-nos para a necessidade de compreender qual seria a concepção do PAEE para cada professora participante da pesquisa:

[...] é um documento que tem por objetivo promover a aprendizagem dos estudantes atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais. Nele são descritas as áreas a serem trabalhadas (cognitiva, motora, pessoal e social), o que será desenvolvido em cada uma delas, os objetivos planejados para cada aluno, as atividades que serão desenvolvidas, a metodologia e os materiais que serão utilizados, o período de abrangência do plano e os critérios usados para avaliar o desenvolvimento do aluno. Portanto, esse documento serve para embasamento não apenas para planejarmos nossos atendimentos, mas também para avaliar quais objetivos foram alcançados e de que forma as ações realizadas durante o atendimento na SRM repercutem na aprendizagem e desempenho escolar do estudante. (P1)

[...] é um dos instrumentos mais importantes para o desempenho do meu trabalho, é uma das primeiras etapas a serem desenvolvidas quando um/uma, estudantes inicia o atendimento na SRM, após a anamnese com a família e a avaliação inicial das especificidades do/a estudante nos primeiros atendimentos. Em seguida precisamos elaborar o plano e nele consta inicialmente a anamnese com as informações obtidas com a família, observação do/a estudante na escola regular e nos atendimentos iniciais, posteriormente como segunda parte do plano temos a proposta de trabalho a ser desenvolvido, constando os objetivos a serem alcançados que contemple todas as necessidades do/a estudante. (P2)

[...] é um plano direcionado para um aluno, cada aluno na sala de recurso tem seu plano. Portanto, cada um tem a suas necessidades para ser trabalhados. Por mais que você atenda em grupo, quatro ou cinco estudantes juntos, porém, cada um tem uma necessidade, tem a sua especificidade e tem uma forma de aprender. Por exemplo, uma estratégia que você utiliza coletivamente, você observa quem interage ou não. Tem outros que sentem mais dificuldade, tem outros que interagem normalmente. O planejamento individualizado é muito importante e facilita também tanto o trabalho do professor quanto a aprendizagem do estudante. (P3)

Observa-se que as professoras compreendem o PEI como um importante instrumento pedagógico que direciona as práticas pedagógicas de maneira específica para cada educando. Diante dessa afirmativa, destaca-se a fala da P2: “[...] O plano Educacional Individualizado é um dos instrumentos mais importantes para o desempenho do meu trabalho, é uma das primeiras etapas a serem desenvolvidas quando uma/uma estudante inicia o atendimento na SRM.”

Tal compreensão, vai ao encontro do entendimento de Giné e Ruiz:

Descrever, especificar e justificar a resposta educacional dirigida ao estudante, de forma clara e compreensível, a fim de que todas as pessoas envolvidas no crescimento pessoal deste estudante e o próprio estudante, sempre que possível possam participar, efetivamente, na tomada de decisões educacionais relacionadas à elaboração, desenvolvimento e avaliação do programa individualizado (Giné e Ruiz, 1995, p.295)

Assim, o PAEE é uma ferramenta que auxilia, principalmente, na elaboração de um planejamento que busca compreender o educando como um todo, desenvolvendo o mesmo em sua totalidade, porém, dentro das suas necessidades específicas de aprendizagem.

Questionamos, também, sobre o trabalho com os conteúdos de ensino: “Você trabalha com conteúdos de ensino? Se sim, de que forma?”

Sim, através de jogos que estimulem a atenção, concentração, percepção e memória, programas de computador que estimulem o aprendizado da leitura, escrita e matemática, tangram, blocos lógicos, material dourado, régua de cuisenaire, letras móveis, bingo de letras e sílabas, caça-palavras, cruzadinhas, etc. (P1)

Como falado anteriormente, dependendo das necessidades do/a estudante, se surgir a demanda por um conteúdo específico pelo qual o/a estudante tenha dificuldades não é um problema abordá-lo. No entanto, o trabalho será mais na perspectiva de contribuir para que o mesmo desenvolva as competências necessárias para compreender e se apropriar do conteúdo. (P2)

Na sala de recursos, nós não deixamos de trabalhar com conteúdos porque, por exemplo, se eu abordo uma poesia com os alunos que já estão mais adiantados, eu vou dizer pra ele o que é uma poesia, ali dentro da poesia eu vou trabalhar as características. No ensino comum segue todo aquele padrão de conteúdos: hoje nós vamos trabalhar isso, tal e tal... Na sala de recurso eu começo escutando uma música, e aí na música eu vou trabalhando uma série de habilidades desse estudante para que ele possa entender o que é aquela poesia, para que ele possa saber declamar. Então o conteúdo que nós trabalhamos na sala de recursos, é um conteúdo que não é explícito, tanto quanto no ensino comum, trabalhamos mais as habilidades. Mas para que possamos trabalhar as habilidades nós temos que ter um conteúdo para ser trabalhado. (P3)

Observa-se que não há um consenso em relação ao trabalho com conteúdos de ensino no AEE. A resposta de P2 revelou que o foco do AEE está no desenvolvimento das competências: “o trabalho será mais na perspectiva de contribuir para que o mesmo desenvolva as competências necessárias para compreender e se apropriar do conteúdo”.

A resposta de P3 aponta para a existência de um “conteúdo que não é explícito”, e que se trabalha no AEE com habilidades. Porém, para trabalhar habilidades, há a necessidade de um conteúdo presente nas atividades realizadas. Para exemplificar, a professora revela que trabalha com músicas para desenvolver determinadas habilidades, o que nos leva a inferir que o conteúdo que a professora se refere, são as atividades propriamente ditas.

Já P1, afirma que trabalha com conteúdos e lista os recursos utilizados para esse trabalho.

Diante disso, observa-se que não há uma única forma de organização do trabalho no AEE. Cabe ao professor definir o funcionamento e organização do trabalho realizado em sua sala de aula, considerando as especificidades dos alunos atendidos.

Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014, p. 27), ao defenderem a necessidade de repensar o trabalho oferecido nas salas de recursos, apresentam a conclusão do trabalho de Milanesi (2012) que é a de que: “não existe transparência em relação à forma de organização do AEE e nem clareza sobre a relação do currículo da classe comum e do AEE”.

Por conseguinte, para compreender melhor como se desenvolve a elaboração e aplicabilidade do PEI, questionou-se: “Quais metodologias de ensino você utiliza nos atendimentos?”

No geral, as metodologias de ensino utilizadas nos atendimentos envolvem:

- Orientação individual ou em dupla com os estudantes;
  - Uso de materiais pedagógicos adaptados às necessidades específicas dos estudantes;
  - Desenvolvimento de atividades que favoreçam a percepção, atenção, concentração e memória dos estudantes;
  - Realização de atividades que favoreçam o desenvolvimento da coordenação motora
  - Realização de atividades em dupla no intuito de aumentar a interação, cooperação e afetividade.
  - Realização de atividades diferenciadas que desenvolvam a leitura, a escrita e o raciocínio matemático.
  - Desenvolvimento de atividades que melhorem a qualidade da comunicação.
- (P1)

As mais diversas possíveis. Como lidamos com estudantes que apresentam dificuldades variadas, temos que lançar mão de muitas estratégias para contemplar os objetivos a serem atingidos para cada estudante. O uso de jogos adaptados ou eletrônicos, ou atividades adaptadas com fonte maiores, letras móveis entre outros. Dependendo do comprometimento o mesmo objetivo é trabalho de diversas formas para poder ser apropriado pelo estudante, isso requer várias abordagens. (P2)

Eu tenho uma concepção comigo, desde que eu comecei a alfabetizar, não tem aquele método certo eficaz, que nos diz que só esse método vai dar certo. Método para mim, é aquilo que você está usando e que a criança está se apropriando do conhecimento, que está interagindo, e que as competências e habilidades dela estão sendo estimuladas. Eu particularmente, gosto muito do método fônico, e tenho obtido resultados positivos. (P3)

Diante das respostas das professoras, observamos que não existe um único método para trabalhar na sala de recursos. A fala da P2 faz referência aos jogos “temos que lançar mão de muitas estratégias para contemplar os objetivos [...] O uso de jogos adaptados ou eletrônicos”. Sobre essa afirmativa, Oliveira (2001) ressalta que os jogos educacionais servem não apenas para favorecer o entretenimento dos alunos, como também, contribuem para o seu desenvolvimento socioafetivo e cognitivo e, conseqüentemente, aumentam a autoestima.

O objetivo do método é fazer com que a aprendizagem aconteça, dessa forma, é interessante a fala da P3 quando ela afirma que: “Método para mim, é aquilo que você está usando e que a criança está se apropriando do conhecimento e que está interagindo, e que as competências e habilidades dele estão sendo estimuladas”.



Veiga (2006) nos diz que os métodos e metodologias de ensino devem atender a necessidade de aprendizado dos alunos, e suas técnicas devem ser aprimoradas constantemente. No entanto, para que os métodos e técnicas sejam aprimorados, há a necessidade de verificar se eles promoveram o alcance dos objetivos de aprendizagem. Essa verificação se dá por meio de instrumentos e critérios de avaliação do ensino. Diante disso, questionou-se: “Como é feita a avaliação da aprendizagem dos alunos”?

É feita levando em consideração os objetivos propostos no Plano de Atendimento Individualizado. Caso o aluno consiga obter êxito, são criados novos objetivos de aprendizagem, caso contrário, serão feitas adaptações e novas metodologias de ensino terão que ser utilizadas. (P1)

Atualmente trabalhamos com o instrumento chamado “relatório de desempenho do estudante no atendimento educacional especializado”, que deve ser preenchido bimestralmente, e assim como base nas avaliações do desenvolvimento do plano de AEE este documento é elaborado e vamos mantendo o controle de desempenho dos/as estudantes. Registramos como o/a estudante tem se desenvolvido diante das propostas e objetivos elencados, considerando seus principais avanços, destacando seus potenciais e observando quais propostas não se adequaram e precisam ser reajustadas para conseguir se efetivar. (P2)

A avaliação é feita no final de cada atendimento, e eu fico observando o estudante na hora em que eu estou fazendo a mediação, na hora em que eu estou apresentando as atividades e ali eu já estou observando-o, já estou avaliando. Porém, a avaliação mais precisa que eu faço quando eu termino de atender, eu verifico no caderno do estudante que eu estava atendendo o que foi que aconteceu. Até para me dar subsídio na hora de escrever o relatório, na hora de falar, na hora de replanejar, na hora de buscar a estratégia. Então, essa avaliação é contínua. (P3)

Sobre a avaliação, existem critérios bem definidos na construção do PEI. Alguns autores, como Valadão (2010), relatam, por exemplo, a necessidade de: autorização dos pais e/ou responsáveis pelo educando, avaliação pedagógica inicial, equipe multidisciplinar na sua elaboração, metas e prazos estipulados e relatados, sujeitos e avaliações periódicas.

A avaliação do aluno deverá estar voltada para reconhecermos os apoios e suportes que deverão ser oferecidos para este educando, com o objetivo pedagógico e não o clínico, a fim de atendermos as suas especificidades, por meio de um planejamento que promova sua aprendizagem e desenvolvimento.

Um planejamento educacional individualizado, periodicamente avaliado e revisado, que considera o aluno em seu nível atual de habilidades, conhecimentos e desenvolvimento, idade cronológica, nível de escolarização já alcançado e objetivos educacionais desejados a curto, médio e longo prazos. Também são levadas em consideração expectativas familiares e do próprio sujeito (Glat; Vianna; Redig, 2012, p. 84).

Marin; Braun (2013, p.53) dizem que se deve atentar às necessidades reais do aluno “o que quer ensinar, como se vai avaliar, quem é o responsável por acompanhar cada ação.” O PAEE demanda um amplo e minucioso processo de elaboração e avaliação.

Por fim, questionou-se: “Quais os desafios encontrados na elaboração e execução de um plano individualizado?”

Entre os desafios encontrados na elaboração e execução de um plano individualizado, foi destacado:

- Dificuldade de acesso ao planejamento e ao professor da sala regular.
- A falta de acompanhamento de outros profissionais que auxiliam no desenvolvimento dos estudantes, tais como: Fonoaudiólogo, Terapeuta Ocupacional, Fisioterapeuta.
- Absenteísmo dos estudantes, por questões relacionadas a sua saúde.
- Ausência de materiais adequados às necessidades dos estudantes. (P1)

Para a elaboração podemos citar que temos que desenvolver um olhar muito sensível às verdadeiras necessidades de cada estudante; e muitas vezes as demandas acadêmicas exigidas pelos currículos nos deixam num impasse diante dos/as estudantes. O olhar deve ser sempre colocando o indivíduo, como pessoa com todas suas nuances para elaboração de um bom plano. Para execução, existe alguns entraves, sendo um para mim de grande importância, a frequência dos/as estudantes no AEE, dependendo da família e da importância destinada ao AEE por ela, temos uma maior ou menor frequência, e quando é um estudante infrequente, a não sistematização do atendimento dificulta o alcance dos objetivos. (P2)

A questão do ensino comum é que esse feedback que nós não temos. Se nós tivéssemos como sentar com o professor do ensino comum e planejar, fazer um planejamento para esse estudante harmonioso. Eu digo harmonioso porque, vem a ideia do professor do ensino comum, vem a minha ideia, nós colocaríamos quais são os avanços e necessidades desse estudante e assim, ficaria mais fácil. Nós falaríamos a mesma língua. Porém, é um empecilho, uma barreira imensa que eu sinto é no ensino comum. Porque parece que falamos línguas diferentes, então enquanto isso acontecer, pode ser o melhor professor, mas aquele estudante que tinha dois anos pra te dá o resultado, ele vai te dá o resultado em cinco ou seis anos. Por conta desse casamento que não existe ainda do ensino comum com a sala de recursos. (P3)

É possível perceber que existem muitos desafios. A partir da fala de P1, destacam-se: 1) A dificuldade de acesso ao planejamento e ao professor da sala regular; 2) A falta de acompanhamento de outros profissionais que auxiliam no desenvolvimento dos estudantes.

P3 traz como desafio o feedback dos professores do ensino comum, visto que o mesmo não acontece. Não existe harmonia no ato de planejar as atividades entre as duas salas.

Nota-se, portanto, que não há um trabalho colaborativo. Uma vez que os professores da sala de recursos não são apoiados ou assistidos como gostariam, fazendo com que a aprendizagem dos alunos se restrinja somente na sala de recursos multifuncionais.

Sobre isso, Pletsch (2014) diz que o plano para o atendimento de estudantes público-alvo da educação especial:

[...] não é uma proposta elaborada de forma isolada, sem conexão com os objetivos e o currículo da instituição. Pelo contrário, ele é uma proposta de intervenção específica e individualizada pensada a partir do contexto em que o sujeito está inserido. (Pletsch, 2014, p.38).

Assim, compreende-se que esse processo evidencia a necessidade de transformação nas formas de ensino e nas relações entre o atendimento especializado e a classe regular, a fim de contribuir com as especificidades dos alunos, sua individualidade e seu desenvolvimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as implicações do Plano do Atendimento Educacional Especializado (PAEE) nas Salas de Recursos Multifuncionais de Escolas Públicas de São Luís/MA. Assim, foi possível perceber que o processo de elaboração e aplicabilidade desse plano não é fácil, é tarefa muitas vezes árdua para o educador, pois necessita de um olhar diferenciado para cada aluno, que possuem suas próprias especificidades.

Análise das respostas das professoras mostrou implicações positivas, demonstrando que o PAEE é adequado aos propósitos estabelecidos, sendo uma estratégia viável e eficiente ao professor da sala de recursos e no processo de inclusão e escolarização de estudantes com deficiência.

No entanto, nossos resultados mostram que o PAEE ainda é pensado de forma isolada. Assim, há a necessidade de uma abordagem mais colaborativa e integrada entre os professores do ensino comum e os da sala de recursos, a fim de garantir uma educação inclusiva mais eficaz, na qual os alunos público-alvo da educação especial possam se desenvolver plenamente, tanto na sala de recursos como na sala de aula regular.

Por fim, é importante destacar que esta pesquisa apresenta algumas limitações devido à sua amostra reduzida, composta apenas por três professoras. O tamanho reduzido da amostra pode restringir a generalização dos resultados, uma vez que a diversidade de perspectivas e experiências entre os professores pode não ter sido adequadamente representada. Desse modo, futuras pesquisas com uma amostra mais representativa são necessárias para a obtenção de uma compreensão mais abrangente e precisa.

Sabe-se que ainda há muito a ser discutido e realizado nesse contexto, mas certamente novas contribuições surgirão e virão somar ao nosso intuito, no sentido de fomentar reflexões que levem a transformações reais nos contextos escolares.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Projeto Escola Viva** - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução No 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial, 2009.

GINÉ, C.; RUIZ, R. As adequações curriculares e o Projeto de Educação do Centro Educacional. In: **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

GLAT, R.; PLETSCH, M. D. **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GLECKEL, E. K.; KORETZ, E. S. **Collaborative individualized education process**. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Merrill/Prentice Hall, 2008.

MARIN M.; BRAUN, P. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. In: Glat, R.; Pletsch, M. D. **Estratégias educacionais diferenciadas**: para alunos com necessidades especiais. RJ: EdUERJ, 2013.

MENDES, E. G., VILARONGA, C. A. R. ZERBATO, A. P. **Ensino Colaborativo como apoio à inclusão escolar**: unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: EduFSCAR, 2014.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Portugal: Porto Editora Coleção Ciências da Educação, 1995.

PLETSCH, M. D. A escolarização do aluno com deficiência intelectual: dialogando com o currículo e o plano educacional individualizado. In: VI Congresso Brasileiro de Educação Especial e IX Encontro Nacional dos Pesquisadores da Educação Especial. **Anais...** UFSCAR/ABPEE, São Carlos, 2014.

VALADÃO, G. T. (2010). **Planejamento Educacional Individualizado na Educação Especial**: propostas oficiais da França, Estados Unidos e Espanha. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade federal de São Carlos, São Paulo, 2010.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino**: novos tempos, novas configurações. Papyrus Editora, 2006.